

VELHO, Gilberto (org.). 2007. *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 228pp.

Maria Claudia Coelho

PPCIS-UERJ

Há cerca de trinta anos o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ sedia uma linha de investigação em antropologia urbana cujos alicerces teóricos combinam as preocupações da sociologia interacionista de Chicago com o viés interpretativista da antropologia cultural. Iniciada com os trabalhos de Gilberto Velho sobre prédios de conjugados em Copacabana e sobre o consumo de tóxicos em segmentos de camadas médias da zona sul do Rio de Janeiro, esta forma de se fazer antropologia urbana teve a princípio como universo principal de investigação as camadas médias cariocas, engendrando conjuntos de teses e dissertações voltados para temas tais como novas formas de organização familiar, estilos de vida jovens e adesão a formas terapêuticas.

Os textos reunidos em *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito* oferecem ao mesmo tempo uma visão da matriz teórica original que orienta esta concepção de antropologia urbana e uma percepção da ampliação do leque de objetos passíveis de construção por esta matriz, facultada pela incorporação mais recente de algumas

noções. Entre elas, podemos destacar a reflexão sobre as dificuldades de delimitação do "urbano", geradas por fenômenos contemporâneos como "regiões metropolitanas" ou "megalópoles", e o recurso à noção de "mediação cultural" como forma de compreensão de trajetórias individuais em meio à diversidade urbana.

Estas duas preocupações combinam-se na construção dos objetos tratados nos diversos artigos, que examinam o modo como atores individuais circulam pelo espaço fragmentado do Rio de Janeiro, nesse processo interligando, por meio de suas redes de sociabilidade e trajetórias individuais, espaços geográficos e simbólicos marcados pela heterogeneidade. Os temas tratados abordam fenômenos políticos, artísticos e de sociabilidade (em alguns casos mesclando-os), com atenção para sua dimensão de *conflito*.

Temos assim, no texto de abertura de Gilberto Velho, uma reflexão sobre a violência urbana carioca como uma forma extrema de conflito (nos termos *simmelianos*); um conjunto de etnografias sobre tipos de sociabilidade ligados a estilos musicais (o baile funk pesquisado por Fernanda Piccolo, a boate gay etnografada por María Elvira Díaz Benítez e a cena *heavy metal* descrita por Pedro Alvim Leite Lopes); duas reflexões sobre fenômenos políticos da Baixada Fluminense (a etnografia de um "showmício" realizada por Alessandra Barreto e o relato sobre sua inserção no campo de pesquisa trazido por Sandra Soares da Costa); e dois estudos a partir de biografias individuais, sendo um deles baseado na noção de mediação cultural (o exame da trajetória de d. Ivone Lara feito por Miła Burns), e o segundo voltado para a compreensão da diversidade de maneiras de se experimentar uma atividade profissional estigmatizada como desviante (a análise da camelotagem carioca realizada por Patrícia Mafra).

O texto de Gilberto Velho expõe alguns pontos centrais da matriz teórica desta linha de pesquisa em antropologia urbana, pontos estes nítidos na construção dos objetos dos demais trabalhos, seja em sua formulação original, seja quando combinados com outros conceitos exigidos pela atenção para com fenômenos contemporâneos. A "pedra fundamental" desta antropologia urbana, recuperada já na abertura do texto, é a obra clássica de Georg Simmel sobre a experiência subjetiva do sujeito metropolitano, em que a articulação entre as características do ambiente urbano e o desenvolvimento de formações específicas da subjetividade define um foco teórico que se faz presente ao longo de toda a construção teórica desta linha de pesquisa: a atenção para com o modo como dimensões "macro" da vida social são atualizadas na experiência subjetiva cotidiana de sujeitos de carne e osso, cuja agência concorre por sua vez para mudanças na vida social, percebida como essencialmente dinâmica.

Esta concepção da sociedade como dinâmica e em mudança responde por uma visão do conflito como inerente à vida social, sendo maximizado pela heterogeneidade dos estilos de vida que convivem no ambiente fragmentário das metrópoles. É aqui que entra um segundo ponto também basilar: a estratégia de "observação do familiar", que supõe uma forma de domínio do "estranhamento antropológico" capaz de superar a maneira de conhecer proveniente de eventuais experiências anteriores de contato com o grupo pesquisado. Esta "superação", ou talvez melhor dizendo, o *diálogo* com estas formas de conhecer por vezes encontradas na própria biografia do pesquisador, é entendida como capaz de subsidiar maneiras de negociação de conflitos entre grupos urbanos, residindo aí a contribuição que esta abordagem pode dar para a intervenção na cena pública do Rio de Janeiro.

Estes dois problemas fundadores combinam-se no texto de Gilberto Velho com a atenção para as questões trazidas pela emergência de novas configurações do urbano, em especial, conforme já mencionado, as "megalópoles". Este tipo de configuração urbana parece maximizar a natureza fragmentária e diversa já apontada por Simmel como definidora da metrópole, engendrando assim um tipo de vivência do indivíduo em relação ao ambiente urbano. Tal vivência é marcada por certa "fluidez", como sugerido pelas noções de "trânsito" ou "fluxo", suscitando situações de *conflitos* em torno do uso dos espaços, conflitos estes gerados por representações contraditórias capazes de mobilizar acusações de desvio que estariam subjacentes à formulação de políticas públicas para a utilização do espaço urbano. A atenção para esta maneira contemporânea de utilização/definição do espaço, marcada pela fluidez, sintoniza-se também com reflexões recentes na teoria antropológica (vide, entre outros, os problemas colocados pelas etnografias virtuais) sobre a própria noção de "lugar", tão central em uma disciplina cuja identidade intelectual é comprometida com a ferramenta metodológica do trabalho de *campo*.

A coletânea tem como proposta a compreensão das particularidades do Rio de Janeiro, apontada por Gilberto Velho (ao lado de São Paulo) como os dois grandes "campos" brasileiros mais fecundos para a realização de uma antropologia urbana – em função da exigência de simultaneamente compreender o que há de específico em suas inúmeras segmentações (como diz o autor, sejam elas bairros, "pedaços" ou "regiões morais") e no modo como indivíduos transitam entre tais espaços, articulando-os e redefinindo-os simbolicamente nesse movimento.

Os textos seguintes concretizam esta percepção do urbano de maneiras variadas, realizando diversas combinações

teóricas e/ou metodológicas. O problema da repercussão da diversidade metropolitana sobre as trajetórias individuais, presente na sociologia interacionista de Chicago, se faz sentir no recurso a temáticas caras aos autores desta tradição. É assim que a problemática do *desvio* aparece na etnografia de Fernanda Piccolo sobre um baile *funk* de uma comunidade situada na zona norte do Rio de Janeiro, em que a autora se insere na própria cena etnografada ao comentar sobre a repressão sofrida em decorrência de sua decisão de ir ao baile. As acusações de "desviante" são também exploradas por Patrícia Mafra em sua análise de duas trajetórias individuais de camelôs do Rio de Janeiro; nela a autora discute a relação entre estas categorias acusatórias e a formulação de políticas públicas para ocupação do espaço urbano pela camelotagem carioca, buscando contrapor a tais representações acusatórias as maneiras plurais como indivíduos específicos vivenciam este tipo de atividade profissional.

Outras questões centrais para os interacionistas aparecem também no tratamento teórico dado ao material empírico em diferentes trabalhos. A noção *goffmaniana* de "apresentação de si" surge na análise de Alessandra Barreto sobre um "showmício" realizado na Baixada Fluminense, servindo como fio condutor para uma discussão sobre a construção da imagem pública dos políticos neste tipo de evento. A mesma noção aparece também na etnografia de uma boate gay realizada por María Elvira Díaz Benítez, em que a autora discute os critérios empregados pelos frequentadores para, entre outras coisas, a escolha de parceiros sexuais, com atenção para o lugar aí ocupado pelo *olhar*, em sua eventual supressão.

A problematização da definição de "urbano", ao abrir caminho para a reflexão sobre a fluidez das trajetórias individuais,

é responsável pela possibilidade de construção, como objetos de pesquisa, de "espaços" cujas fronteiras são esmaecidas, a começar pelo questionamento de um suposto atrelamento inevitável à *fiscalidade*. É assim que espaços podem ser ressignificados de várias formas, seja em sua utilização pretendida original, como no caso da boate etnografada por Díaz Benítez, que funcionava a princípio em uma plataforma inacabada de acesso ao metrô, seja em uma variação "temporal" noite/dia, como no caso da cena *heavy metal* analisada por Leite Lopes. "Trânsitos" são também uma temática importante na construção dos universos realizados, conforme demonstrado por Piccolo ao discutir os efeitos da proximidade entre um shopping center e a comunidade em cujo âmbito se realiza o baile *funk* etnografado. A natureza "fluida" das trajetórias individuais embasa ainda a análise de Burns sobre a biografia de d. Ivone Lara, retomando a noção de "mediação cultural" – instrumento conceitual que orientou, há sete anos atrás, a organização de *Mediação, Cultura e Política*, coletânea em que Gilberto Velho e Karina Kuschnir reuniram um outro conjunto de trabalhos realizados nesta mesma vertente da antropologia urbana.

O "estranhamento do familiar" é uma preocupação cuja contribuição para a unidade do conjunto de trabalhos é também muito nítida, em especial em seu potencial para auxiliar na compreensão dos conflitos urbanos. Esta atenção está presente na maior parte dos trabalhos, já desde a análise de Velho sobre a violência urbana no Rio de Janeiro como um tipo de conflito marcado pela substituição da "civildade" pela "truculência", surgindo também nas etnografias do baile *funk*, do "showmício", da boate gay, da cena *heavy metal* e do camelódromo.

Estas duas questões – observação do familiar e mediação – combinam-se ainda

em dois textos de forma particularmente instigante. Pedro Leite Lopes e Sandra Soares da Costa, em reflexões sobre suas experiências em "campos" com que tinham familiaridade prévia, recorrem à noção de uma "etnografia da memória" como forma de dar conta da presença do "já sabido" em seus processos de pesquisa. Os relatos de Leite Lopes, ao falar do "encontro" entre os Xavante e uma banda de *heavy metal* (encontro simultaneamente "empírico" e teórico, pelo lugar que ocupa em sua trajetória de pesquisador), e de Soares da Costa, ao comentar seus sentimentos de "vergonha" pela mudança de seu olhar sobre o campo etnografado, antes "familiar", demonstram a riqueza possível de uma combinação entre a questão já tradicional da antropologia urbana de estranhamento do familiar e o problema da inevitabilidade do "conhecimento posicionado".

Os textos de *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito* combinam assim referências canônicas das ciências sociais com as exigências conceituais colocadas pelas novas modalidades do "urbano". Para aqueles interessados em compreender a trajetória desta linha de pesquisa em antropologia urbana, o conjunto cumpre ainda um outro papel. Em uma primeira fase, esta perspectiva foi desenvolvida com forte ênfase no universo das camadas médias da zona sul carioca (ainda que outras áreas da cidade tenham estado presentes em estudos sobre formas de sociabilidade ou de construção da pessoa). Aqui, o foco está em um "urbano" situado em sua totalidade em espaços físicos fora da zona sul do Rio, em áreas como a zona norte, o Centro ou a Baixada Fluminense, com a presença de eventuais personagens da zona sul assumindo a forma de "trânsito" ou "fluxo" de maneira sintonizada com esta urbanidade ao mesmo tempo próxima e distante da metrópole simmeliana.